

**COLÔNIA CECÍLIA:
a memória de uma Comuna Socialista na obra
“Um Amor Anarquista” de Miguel Sanches Neto**

Guilherme Silva da Luz – Universidade Tuiuti do Paraná
guilherme.silvaluz.16@gmail.com

Fábio Luciano Iachtechen – Universidade Estadual de Ponta Grossa
fabio.luciano@gmail.com

COLÔNIA CECÍLIA: a memória de uma Comuna Socialista na obra “Um Amor Anarquista” de Miguel Sanches Neto

RESUMO

O presente artigo se trata do resultado da análise da obra “Um Amor Anarquista” de Miguel Sanches Neto visando sua compreensão enquanto uma produção memorialística sobre a Colônia Cecília, além de visar também a compreensão da literatura, em especial do romance histórico, como instrumento para construção de memórias de quaisquer acontecimentos ou fatos históricos.

PALAVRAS-CHAVE

Memória; Romance Histórico; Colônia Cecília.

COLÔNIA CECÍLIA: a memória de uma Comuna Socialista na obra “Um Amor Anarquista” de Miguel Sanches Neto

INTRODUÇÃO

O presente artigo se propõe a análise da obra “Um Amor Anarquista” de Miguel Sanches Neto. Um romance histórico publicado no ano de 2005 pela editora Record que trata sobre a Colônia Cecília, uma experiência de cunho anarquista idealizada por Giovanni Rossi posta em prática na região do núcleo colonial de Santa Bárbara, cerca de 20 quilômetros de distância do centro da cidade de Palmeira, no Estado do Paraná, ocorrida entre os anos de 1890 e 1894.

É necessário ressaltar que a obra em questão é uma obra de caráter ficcional que tem por base figuras ou acontecimentos históricos. Logo, a narrativa da obra não condiz interinamente com a realidade, mas se trata de uma construção memorialística sobre as relações sociais presentes no espaço da Colônia Cecília, bem como das percepções de seu idealizador sobre sua experiência.

Cabe destacar ainda que, a fim de compreender os motivos do autor para a seleção deste tema, o processo para a formulação da obra remonta período entre 1994 e 2004. A primeira data marca o contato do autor paranaense com a obra, à época não publicada, de Cândido de Mello Neto¹ (1933-2000) chamada “O anarquismo experimental de Giovanni Rossi²”, bem como com o início do contato com o acervo documental³ levantado por este último, motivado pela sua ascendência relativa a integrantes do antigo intento anarquista.

Há de se destacar também que, além da obra e pesquisa do Dr. Cândido, outro elemento

¹ Médico psiquiatra ponta-grossense. Foi um dos fundadores da Associação Paranaense de Psiquiatria, fundador e diretor da Unidade Psiquiátrica do Hospital São Lucas, Diretor Clínico do Hospital Psiquiátrico Franco da Rocha em Ponta Grossa e fundador da cadeira de Medicina Legal da Faculdade Estadual de Direito de Ponta Grossa.

² Opto por manter esta obra fora da seleção bibliográfica para elaboração do artigo, visto que ela é fruto de uma pesquisa própria de Cândido de Mello Neto levada a cabo por motivos pessoais. Logo, seria de grande relevância uma análise do discurso adotado na obra a fim de ressaltar novas perspectivas sobre a breve iniciativa anarquista posta em prática no final do século XIX.

³ O acervo material e documental de Cândido de Mello Neto está concentrado no Museu dos Campos Gerais em Ponta Grossa, Paraná.

COLÔNIA CECÍLIA: a memória de uma Comuna Socialista na obra “Um Amor Anarquista” de Miguel Sanches Neto

fundamental para a concepção da obra foi um texto de Giovanni Rossi chamado *Uma história de amor na Colônia Cecília* (que será tratado brevemente no decorrer do texto). Já a segunda marca a concepção da obra no início de 2004⁴.

Tendo as questões anteriores sido devidamente explicadas e contextualizadas passaremos para a organização do artigo em si. Um primeiro momento será dedicado à contextualização do que foi a Colônia Cecília e quem foi Giovanni Rossi tendo por base a historiografia selecionada sobre o tema em questão, elencando suas particularidades. Ou seja, objetiva-se neste momento expor parte do debate historiográfico, apresentando suas particularidades, convergências e divergências.

Já a segunda parte tem por objetivo analisar a memória sobre a Colônia Cecília presente na narrativa de Miguel Sanches Neto. Vale destacar que serão utilizadas as reflexões das professoras Jacy Alves de Seixas e Marilene Weinhardt. A primeira a fim de ajudar a elucidar no desenvolvimento da análise as questões acerca da memória construída na obra, fornecendo, desta maneira, a instrumentação teórica, e a segunda com o intuito de fornecer a instrumentação metodológica para análise do gênero literário da fonte.

COLÔNIA CECÍLIA: A HISTORIOGRAFIA DA REBELDIA

Uma primeira questão que devemos ter em mente ao falar sobre a Colônia Cecília é o fato de que ela está inserida no contexto das imigrações europeias ao Brasil que se estendem da metade final do século XIX até meados do século XX. Porém, devemos nos ater à questão fundamental da escrita sobre este episódio.

A primeira escrita que temos sobre a Colônia vem de seu idealizador, Giovanni Rossi, um

⁴ Informações retiradas da entrevista “Exemplos Luminosos” cedida pelo autor a Irineo Neto para o jornal Gazeta do Povo em 29 de agosto de 2005 em Curitiba, Paraná. Disponível para consulta através do link: <http://miguelsanches.com.br/autor/entrevistas_detalhes/25/exemplos_luminosos>

COLÔNIA CECÍLIA: a memória de uma Comuna Socialista na obra “Um Amor Anarquista” de Miguel Sanches Neto

militante anarquista italiano, membro da A.I.T.⁵ em Pisa, engenheiro agrônomo e médico veterinário. Teve papel fundamental na idealização da “Cecília” por meio de sua militância e produção de obras, sob o pseudônimo “Cardias”, que defendiam a criação de comunidades experimentais.

Um primeiro “experimento social” realizado por Rossi foi a criação, em 1887, da *Associação Agrícola Cooperativa Cittadella*, baseada na região da atual Cremona, Itália. Porém, um problema fundamental tido como “frustração” do experimento foi a não implementação de um modo de vida libertário que equilibrasse os interesses individuais e coletivos. Porém, há de se levar em conta que, quanto aos princípios de autogestão e os resultados da produção agrícola, a iniciativa *Cittadella* obteve êxitos, mas não foram suficientes para garantir a permanência de Rossi.

Após este breve histórico das ações de Giovanni Rossi, podemos nos debruçar acerca de sua escrita sobre a colônia. É possível dividi-la em três momentos distintos, o primeiro deles destacando a viagem e chegada ao Brasil, o segundo tratando sobre a colônia em si por volta de 1893 e o terceiro argumentando sobre o amor livre e o modo de vida libertário em tentativa de implementação na colônia.

Uma característica fundamental que une estes três momentos ou textos de Rossi é o caráter cientificista⁶ conferido por meio de “análises” que nos aproximam dos textos dos viajantes do século XIX. Existem diversas referências à flora, ao relevo, à forma como estão edificadas certas construções e como estão organizadas as cidades por onde Rossi e seu grupo passam, além da preocupação com as doenças. Um exemplo deste caráter cientificista pode ser visto no trecho que segue:

⁵ Associação Internacional dos Trabalhadores (1864 – 1876), conhecida como I Internacional, foi uma organização operária internacional que pretendia unificar as lutas dos diversos grupos do operariado mundial. (Definição conforme breve explicação disponível in: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/associacao-internacional-dos-trabalhadores-ait.htm>>)

⁶ Adota-se aqui a definição de cientificismo como a utilização dos métodos científicos para análise ou descrição de qualquer aspecto ou marca da vida humana, de acordo com a definição do dicionário Michaelis. Link para consulta : <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/Cientificismo/>> (Acesso em: 22 de junho de 2018)

COLÔNIA CECÍLIA: a memória de uma Comuna Socialista na obra “Um Amor Anarquista” de Miguel Sanches Neto

Na manhã do dia 27 entramos no Porto de Santos, terminal ferroviário da província de São Paulo. Santos, na opinião geral, é o lugar onde se corre mais risco de contrair a febre amarela e onde se sofre mais com o calor. Li 28°C às 9 horas da manhã, 32°5 às 11 e às 4h e 20m da tarde.

(ROSSI, 2000, p. 28)

Existe ainda um caráter de defesa do anarquismo, possivelmente atrelado à questão panfletária da construção textual. Ou seja, é possível classificar, em maior ou menor medida, o texto de Rossi como panfletário por apresentar características que o aproximam a um relato de viagem do século XIX e de uma “apologia” ao anarquismo baseada em um caráter cientificista.

É possível tomar como exemplos desta “defesa” do anarquismo, que passa por toda a obra de Rossi, a crítica que ele faz ao período que vai de março a maio de 1891 quando numerosas levas de colonos fizeram a população da colônia alcançar cerca de 150 pessoas e que, devido às disputas internas, levaram eles a adotar uma forma de organização tida como controversa.

Quanto à organização, neste período prevaleceu um sistema de referendium, obrigando as pessoas a perderem muito tempo em assembleias ociosas, das quais resultavam tão somente promessas não cumpridas, ambições mal dissimuladas e mexericos ridículos. Elegiam-se comissões, votavam-se regulamentos, discutia-se até o embrutecimento. A colônia, naquele tempo, por não ter a consciência anarquista que podia salvá-la, estava destinada a morrer.

(ROSSI, 2001, p. 67)

E o momento quando discorre sobre os colonos que abandonaram a colônia e algumas de suas motivações.

(...) Uns pensaram em fazer fortuna fora da comunidade e outros, ao irem embora, pretendiam voltar a seus hábitos de alcoólatra. Parece-me certo, porém, que ninguém deixou a Cecília por oposição aos princípios econômicos e políticos fundamentais sobre os quais a colônia se assenta;(...)

(ROSSI, 2001, p. 78)

COLÔNIA CECÍLIA: a memória de uma Comuna Socialista na obra “Um Amor Anarquista” de Miguel Sanches Neto

Com isto, podemos compreender que a obra de Rossi é possuidora de um caráter cientifista e político quando discorre sobre o período entre 1890 e 1893. Porém, no momento em que o autor critica os textos da época que comentam sobre a Colônia, é possível evidenciar certo distanciamento que, tem por finalidade, colocar a iniciativa anarquista como um experimento de caráter sociológico que provaria a eficácia ou a possibilidade de implantar um modo de vida anarquista.

A experiência da Cecília dura já três anos e os que participaram dela há mais tempo chegaram à firme convicção de que o comunismo e a anarquia poder ser postos em prática em toda a velha sociedade burguesa.
(ROSSI, 2001, p. 86)

Há de se retomar ainda o artigo *Uma história de amor na Colônia Cecília*, uma das bases para o desenvolvimento da obra de Miguel Sanches Neto, que descreve o relacionamento entre Rossi, Eleda e Aníbal. Neste texto, existe uma preocupação clara de Rossi em defender o amor livre e o fim da família, esta última compreendida como uma das causas da competição entre indivíduos.

A solidariedade será apenas uma teoria enquanto o homem colocar de um lado a mulher e os filhos e do outro o resto da humanidade. E os pais de família mais inteligentes, mais trabalhadores e mais energéticos responsabilizarão a comunidade pelo sacrifício de seus filhos e se unirão em alianças reacionárias.
(ROSSI, 2001, p. 122)

Tendo estes pontos da obra de Rossi sido evidenciados, passamos agora para a historiografia mais recente. Para tal, foi selecionada a obra de Newton Stadler de Souza⁷ que data da década de 1970.

Sua obra, em linhas gerais, difere em muito das produções atuais devido ao estilo da escrita,

⁷ Newton Fernando Stadler de Souza (Palmeira - 12 de agosto de 1929, Prudentópolis - 31 de outubro de 1990) bacharel em Direito pela UFPR em 1955, especialista em Filosofia do Direito e mestre em Direito Empresarial, atuou como promotor na Comarca de Cascavel e destacou-se nos cargos de Diretor Geral dos Estabelecimentos Penais do Estado e na chefia do gabinete da Secretaria de Justiça do Estado do Paraná. Lecionou Direito Comercial na Faculdade Católica de Direito da atual PUCPR, chegando a atuar como vice-diretor da mesma.

COLÔNIA CECÍLIA: a memória de uma Comuna Socialista na obra “Um Amor Anarquista” de Miguel Sanches Neto

a crônica histórica, e pelo fato de alguns episódios citados não possuírem uma referência clara às fontes consultadas. Sendo assim, o primeiro ponto a debatermos a fim de compreender melhor o texto é o seu gênero, a crônica histórica.

A crônica, enquanto gênero literário, pode ser definida como uma história simples que expõe os fatos segundo a ordem como eles vão se dando (PRIBERAM, 2018). Logo, por se tratar de uma crônica histórica, o texto de Souza pode ser compreendido como uma crônica que tem como foco da narrativa a Colônia Cecília. Ou seja, utilizam-se, para construção da narrativa, fatos históricos seguindo sua ordem cronológica.

Desta maneira, é possível compreender a obra de Souza como parte da historiografia sobre o tema devido à consulta de fontes, das mais diversas disponíveis à época, para elaboração de uma narrativa que contempla a chegada dos colonos ao Brasil, o estabelecimento da colônia até a inserção da mesma no episódio da Revolução Federalista.

Outro ponto importante a ser destacado da obra de Souza é o destaque da relação entre Giovanni Rossi e Carlos Gomes que, por sua vez, levou, devido a viagem de Dom Pedro II à Europa em 1888, ao contado do monarca brasileiro com a obra de Rossi e, mais adiante, ao aval para a instalação de sua colônia experimental no Brasil, como evidenciado na seguinte citação:

Giovanni Rossi, ligado por sólida amizade a Carlos Gomes, com quem dialogava sobre música, é também um músico, sobrinho do Prof. Lauro Rossi, que no Conservatório de Milão descobriu, em 1870, o talento do grande compositor brasileiro, mostrava interesse em conhecer o Imperador.
(SOUZA, 1970, p.18)

Portanto, além de se destacar pelo gênero adotado para a elaboração do trabalho, vemos que, devido a essa aproximação do episódio narrado com a monarquia brasileira, existe um posicionamento controverso que levou à elaboração de novas obras críticas como a da professora Helena

COLÔNIA CECÍLIA: a memória de uma Comuna Socialista na obra “Um Amor Anarquista” de Miguel Sanches Neto

Mueller⁸, a próxima bibliografia selecionada para ilustrar o debate teórico sobre a Colônia Cecília.

Datada do final da década de 1990, a obra de Helena Mueller é resultado direto de sua tese de doutorado homônima. Destaca-se por tratar sobre a Colônia a partir das novas perspectivas da historiografia e por criticar diretamente a obra de Souza que era parte integrante do conjunto “clássico” de obras sobre o tema.

(...); o Uruguai era sua meta, mas as condições da viagem e a sedução pela majestosa paisagem que viam do navio fizeram-nos desembarcar em Paranaguá, e de lá dirigiremos a Curitiba, onde recebem, da Inspetoria de Terras e Colonização - e não de D. Pedro II como querem alguns - um lote em Santa Bárbara, colônia próxima a Palmeira, no primeiro planalto paranaense.
(MUELLER, 1999, p. 3-4)

Outra característica fundamental da obra de Mueller é o destaque para a utopia socialista vigente à época de instalação e dissolução da Colônia. No texto, a autora aborda a própria experiência da Colônia Cecília como parte componente da utopia devido a busca pela liberdade que se constitui no pilar principal do discurso teórico anarquista. Há de se destacar ainda que, a fim de inserir o episódio da Colônia dentro da ideia de utopia, a autora coloca como um dos focos de análise as colônias experimentais, em especial a crença da construção de uma sociedade radicalmente diferente da sociedade capitalista.

A obra de Helena Isabel Mueller é um dos marcos na historiografia sobre o tema, porém, devido ao debate seguinte, não será possível abordá-la com maior profundidade, assim como as outras

⁸ Helena Isabel Mueller (Curitiba - 17 de março de 1944, -) é graduada em História pela Universidade Federal do Paraná, mestra pela University of Pittsburgh e doutora em História Social pela Universidade de São Paulo, iniciando sua carreira profissional na Universidade Federal do Paraná no período entre 1969 e 1973, lecionou na Universidade Federal Fluminense de 1973 a 1995. Atuou em dois períodos pela Universidade Tuiuti do Paraná desenvolvendo pesquisas nas áreas de História, Cultura e Identidade e Políticas Educacionais entre 1997 e 2003 e 2006 a 2009. Em 2010 foi admitida junto à Universidade Estadual de Ponta Grossa, aposentando-se em 2014, porém ainda se mantém ligada ao Curso de Pós Graduação em História - Mestrado da mesma desenvolvendo pesquisas sobre o intelectual e político paranaense Brasil Pinheiro Machado.

COLÔNIA CECÍLIA: a memória de uma Comuna Socialista na obra “Um Amor Anarquista” de Miguel Sanches Neto

obras selecionadas. Porém, cabe aqui ressaltar a importância destes textos para a compreensão da amplitude do debate, até certo ponto restrito, sobre a Colônia Cecília. Além de destacar a importância do tema dentro da historiografia sobre o anarquismo e sobre a formação do Paraná moderno.

LITERATURA E MEMÓRIA: A COLÔNIA CECÍLIA NO ROMANCE HISTÓRICO

Como já destacado anteriormente, passaremos agora para a análise da obra de Miguel Sanches Neto. Porém, em um primeiro momento devemos nos ater às questões que envolvem o romance histórico e a memória para assim possuímos base para a discussão seguinte sobre a obra.

O primeiro ponto em questão nos remete à problemática fundamental do romance histórico dentro das análises historiográficas. Como é destacado no texto de Marilene Weinhardt (1994, p.49) existe certa convenção quanto à utilização dos termos ficção e narrativa dentro das análises historiográficas da literatura que não contempla a “ficção de caráter histórico” e não constitui uma problemática atual.

Ao nos remeter aos trabalhos de Mikhail Bakhtin e George Luckács, a autora nos coloca a discussão que, na perspectiva bakhtiniana, evidencia a característica fundamental da relação entre o gênero romance e o tema abordado na narrativa e, na perspectiva de Luckács, na intencionalidade do romance histórico frente aos fatos narrados.

A primeira perspectiva evidencia a capacidade do romance em conferir um sentimento ou noção de construção daquilo que se aborda na narrativa, ou seja, o romance não se configura como algo estático em relação ao tempo, aborda questões afins dando a ideia de movimento à narrativa. Porém, dentro da perspectiva de Bakhtin, o romance histórico não se configura um elemento particular, mas parte do gênero romance. Isto é, não se diferencia esteticamente do romance, apenas externamente. (WEINHARDT, 1994, p. 50)

Já a perspectiva de Luckács nos evidencia que o romance histórico rompe, de certa maneira,

COLÔNIA CECÍLIA: a memória de uma Comuna Socialista na obra “Um Amor Anarquista” de Miguel Sanches Neto

com a história por não se preocupar em narrar os fatos em si, mas se preocupa em expor ao leitor as motivações que levaram os personagens a tomar as suas decisões se baseando no ato de narrar o cotidiano que, a primeira vista, parecem ser insignificantes. Também cabe destacar que, para Luckács, o romance histórico não se configura como um gênero ou subgênero do romance, mas possui a intenção de colocar as figuras históricas dentro de momentos historicamente decisivos que, por sua vez, derivam, dentro da narrativa, do conjunto de ações adotadas pela figura. (WEINHARDT, 1994, p. 51)

Logo, quanto ao romance histórico, devemos ter em mente que a preocupação maior deste gênero literário é a ambientação do leitor no cotidiano dos personagens, tendo o cuidado de expor detalhes como brigas, sensações e percepções dos personagens em relação ao meio e sobre suas relações com outros personagens na trama, para assim, dependendo do personagem e do fato narrado, o leitor apreenda o que levou à tomada de decisão que ocasionou determinada ação dentro da narrativa, em especial os fatos históricos.

Quanto às questões que envolvem a memória podemos nos apoiar nas questões levantadas através dos debates nos textos de Jacy Seixas e Anita Schlesener.

A primeira autora nos coloca frente ao debate sobre a questão da memória partindo de uma perspectiva transdisciplinar, ou seja, evidencia a memória enquanto uma questão que cruza as barreiras entre as disciplinas possibilitando, assim, que novos olhares sobre o assunto sejam disponibilizados para o debate acadêmico. Vale ressaltar que o diálogo principal explicitado em seu texto se refere às obras de Bergson e Proust partindo da questão do tempo da memória.

Já a segunda autora nos coloca frente aos mesmos referenciais teóricos, porém, partindo da perspectiva de Walter Benjamin. Logo, ao trabalhar o diálogo entre os autores, Schlesener evidencia as conclusões de Benjamin a respeito do tema, ressaltando, desta maneira, a forma como ele se apropria do debate de Bergson e Proust somando-o à teoria de Engels para elaborar a crítica ao historicismo da esquerda social-democrata.

COLÔNIA CECÍLIA: a memória de uma Comuna Socialista na obra “Um Amor Anarquista” de Miguel Sanches Neto

Ou seja, vemos no texto de Schlesener que Benjamin, por meio da reflexão e apropriação do debate teórico sobre memória, elabora, através do aporte teórico de Engels, uma crítica ao historicismo social-democrata e uma nova perspectiva aos estudos baseados no materialismo histórico.

Tendo sido apresentadas as reflexões que serão utilizadas como base para a análise da obra, devemos nos ater a algumas questões em específico como o uso da memória na narrativa, ou seja, a movimentação da memória dentro do romance histórico e como esta forma literária contribui para a construção e movimentação da memória, seja de um acontecimento ou de experiências prévias do leitor.

Sendo assim, na obra de Miguel Sanches Neto nos deparamos com as memórias de um grupo, de um local e de um ideário que, em tese, seria comum a todos os indivíduos que participaram da “experiência”, como classifica Rossi, da Colônia Cecília.

MEMÓRIA E NARRATIVA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBRA DE MIGUEL SANCHES NETO

Porém, precisamos retornar à problemática fundamental desta pesquisa que visa compreender qual a memória sobre a Colônia Cecília está presente na narrativa de Sanches Neto. É possível analisar a questão a partir de dois vieses, a memória do anarquismo e a memória da Colônia Cecília em si, este último sendo o foco da pesquisa.

Sendo assim, em primeiro lugar, a obra de Sanches Neto versa sobre duas questões fundamentais, o anarquismo e a Colônia Cecília. A primeira delas se fez presente por meio das relações entre os personagens, as disputas de poder, os relacionamentos, porém existe uma tendência do autor por tratar sobre o amor livre que, revisitando os relatos de Rossi, compunha um dos pontos-chave, por assim dizer, da experiência social desenvolvida na Colônia Cecília.

Quanto ao espaço da colônia e a vida no campo, temos um problema mais específico, com-

COLÔNIA CECÍLIA: a memória de uma Comuna Socialista na obra “Um Amor Anarquista” de Miguel Sanches Neto

preender o espaço da Colônia como um local onde se desenvolveu uma experiência libertária ou como parte componente e indissociável do anarquismo.

O primeiro ponto nos coloca a questão da ambientação dos personagens e do leitor no espaço da Colônia, sendo assim, a memória de um espaço físico que, por sua vez, se manifesta como um elemento em simbiose com os personagens. Esta simbiose ocorre de maneira “sutil” na narrativa, se faz presente quando se narram os debates na cozinha comunal, no esforço empregado para realizar o cultivo da terra e na construção das casas e de cercas. Logo, não se trata necessariamente da memória do espaço, mas de como o espaço é compreendido como parte do mundo rural.

No trecho que segue é possível evidenciar essa ligação simbiótica com o mundo rural através do esforço para abrir uma picada em meio à mata, além de evidenciar também uma consequência das privações que esta realidade impunha sobre os colonos, a falta de mulheres solteiras⁹:

À tarde, todos foram trabalhar na derrubada da mata, passaram o resto do dia em silêncio, mas sem discórdias, entregues às tarefas pesadas. Lorenzo, dedicado ao trabalho de roçar a quiçaça, batia a foice com força exagerada e compasso ritmado, revelando sua fúria silenciosa, não contra o marido, mas contra a solidão. (SANCHES NETO, 2005, p. 41)

Já o segundo ponto coloca a colônia como parte do ideário e do conjunto de experiências libertárias, considerando-a como sendo parte indissociável delas. Ou seja, a Colônia seria caracterizada apenas como resultado direto do anarquismo, em especial do ímpeto de Rossi em criar uma colônia experimental em que o modo de vida libertário da livre-associação entre os indivíduos, a posse comunal da terra e a divisão orgânica das tarefas de acordo com as aptidões de cada um fosse implantado.

É possível evidenciar este ponto ou perspectiva de análise da obra através da narrativa epis-

⁹ Neste momento da obra o autor trata sobre a disparidade entre os sexos dentro da Colônia, destacando a necessidade de povoar o espaço não só com homens, mas com mulheres que, desta forma, poderiam garantir novas gerações de anarquistas para a Colônia Cecília, conforme destacado na sequência da narrativa.

COLÔNIA CECÍLIA: a memória de uma Comuna Socialista na obra “Um Amor Anarquista” de Miguel Sanches Neto

tolar que se constitui em um conjunto de cerca de 17 cartas que servem como baliza para os capítulos da “narrativa principal”, foco da análise proposta neste artigo. No trecho que segue, em carta endereçada à Leonida Bissolati, evidenciamos esse caráter indissociável a partir da perspectiva de Giovanni Rossi:

O socialismo começou, para nós, já na fundação da Colônia. Pois nossos vizinhos, que acabáramos de conhecer, nos deram a primeira égua, as primeiras vacas e os primeiros porcos, além de colaborarem nas tarefas mais urgentes. Todos se ajudam aqui, num socialismo rudimentar de fraternidade agrária. (SANCHES NETO, 2005, p. 33)

Porém, como vimos anteriormente, uma das características fundamentais do romance histórico é “fazer com que o leitor apreenda as razões sociais e humanas que fizeram com que os homens daquele tempo e daquele espaço pensassem, sentissem e agissem da forma como o fizeram.” (WEINHARDT, 1994, p. 51)

Logo, ao valorizar as questões sociais e humanas a partir da inserção de detalhes do cotidiano da colônia na narrativa, é possível evidenciar uma tendência para uma construção memorialística que contempla não o anarquismo em si, mas o modo de vida dentro do espaço da Colônia Cecília.

Há também a necessidade de ressaltar que, ao revisitar o tema, o autor do romance aproxima o passado ao presente, configurando assim um duplo serviço. O primeiro, como já destacado, é conferir ao passado, através do romance, um caráter de continuidade. Ou seja, o autor busca proporcionar ao leitor a sensação de aproximação com a época ou o fato narrado por meio do apelo às percepções e ações dos personagens dentro da trama do romance.

O segundo serviço é o de redimensionar e recriar o mundo para apreendê-lo como temporalidade (SCHLESENER, 2011, p. 205). Ou seja, o autor cumpre a função artística de apreender o real por meio da memória imaginativa e assim recriá-lo e romper, em certa medida, a barreira entre passado e presente, fazendo com que ambos coexistam dentro da narrativa e, em especial, no momento da leitura.

COLÔNIA CECÍLIA: a memória de uma Comuna Socialista na obra “Um Amor Anarquista” de Miguel Sanches Neto

Sendo assim, é possível inferir que, para além de fornecer algo ao leitor, o autor preocupa-se em reavivar a memória do fato narrado no romance histórico e em reavivar a memória das experiências prévias do leitor para que, desta maneira, este último apreenda como o contexto histórico em que viviam os personagens regia suas decisões e fazia-se presente em suas experiências de vida. Isto se torna mais forte no momento em que, por meio da narrativa, o autor aproxima o passado do presente, evidenciando as características humanas dos personagens. Podemos evidenciar isso no seguinte trecho:

Ele não via as pessoas, apenas bocas mastigando o alimento, eram ratos, uma dúzia de ratos famintos, dava para perceber isso pela roupa, de um marrom sujo, de um cinza ensebado, como a pele dos roedores, ratos magros, que comeriam muito, muito mesmo, não haveria milho no paiol, não haveria nada que os saciasse, depois comeriam o que achassem pela frente, ia ser assim (SANCHES NETO, 2005, p. 88)

Este trecho remonta a chegada da família Artusi à Colônia Cecília em meio ao período em que a Colônia chegou a abrigar cerca de 150 indivíduos. Neste período em questão é possível evidenciar a miséria, relatada por Rossi em seu trabalho, bem como a dificuldade de adaptação de alguns colonos ao modo de vida agrícola.

Esta citação em especial demonstra a humanização dos personagens por meio de explicitar a preocupação e o temor de Achille Dondelli frente aos recém-chegados. Além de expor esta sensação, a narrativa busca transmiti-la ao leitor através da seleção de palavras e da construção discursiva por trás desta cena. Desta forma podemos evidenciar o processo de ambientação não apenas no contexto, mas também na percepção do personagem e, como já destacado anteriormente, é possível evidenciar o uso da memória imaginativa do autor.

Este tipo de memória, em específico, permite, dentro da narrativa do romance, recriar situações singulares, não sendo necessariamente fiéis ao ocorrido, mas devendo ser próximas da realidade do leitor. Este exercício de aproximação confere à narrativa a qualidade de constituir-se uma obra memorialística no sentido de trabalhar com duas memórias, a memória do fato ocorrido e a me-

COLÔNIA CECÍLIA: a memória de uma Comuna Socialista na obra “Um Amor Anarquista” de Miguel Sanches Neto

mória das experiências prévias do leitor que contribuem para o movimento dentro da narrativa e o movimento da memória, seja ele em círculo, para Bergson, ou espiral, para Weinhardt.

Outro trecho da obra que nos coloca as questões recém-abordadas é o momento em que sete famílias deixam a Colônia e sete jovens idealistas chegam para animar e fortalecer o esforço de vida no campo.

Sete famílias haviam deixado a Colônia um pouco antes da chegada de Rossi, carregando dinheiro, instrumentos de trabalho, animais móveis e o carro. Para ocupar o lugar delas, e havia uma coincidência neste fato, chegaram os sete jovens, que trabalhavam a terra com mais empenho que os agricultores. Rossi ficou pensando que havia um erro em seu raciocínio, pois sempre achara que a Colônia precisava fundamentalmente de bons agricultores, que conhecessem o trabalho, resistentes à dureza daquela vida, e agora estava comprovado que a Colônia necessitava mesmo era de idealistas com coragem de se dedicar a causas coletivas. (SANCHES NETO, 2005, p. 121)

Neste trecho em especial temos a ambientação no contexto de chegada dos jovens à Colônia e na percepção de Rossi sobre o caminho ideal que a Colônia deveria seguir. Neste caso, podemos perceber que a memória não se dá na ambientação da chegada dos jovens, mas na aproximação da percepção de Rossi em relação ao espaço.

Defrontamos-nos aqui, em certa medida, com o ímpeto cientificista de Rossi no seu pré-julgamento sobre a população que deveria compor a Colônia. Isto é, vemos neste trecho que Rossi, ao idealizar a Colônia, julgava ser necessário compô-la com agricultores que, por sua vez, abraçassem o ideal anarquista para assim desenvolver as atividades agrícolas com excelência em consonância com a proposta inicial. Porém, ao ressaltar a reflexão sobre o possível equívoco, o autor, nos aproxima do pensamento vigente à época que, como já destacado anteriormente, caracteriza a produção de Giovanni Rossi.

Vemos aqui novamente o movimento da memória tanto do leitor quanto da Colônia ao expor uma “mudança de planos” na idealização de Rossi, que, para o leitor, através da recriação do

COLÔNIA CECÍLIA: a memória de uma Comuna Socialista na obra “Um Amor Anarquista” de Miguel Sanches Neto

autor, aproxima-se ao cotidiano. Ou seja, cumpre-se assim a função de demonstrar movimento na narrativa e demonstrar o movimento da memória na relação entre presente (leitor) e passado (fato ocorrido narrado através do romance histórico).

Tendo estas questões sido abordadas, cabe agora apontarmos algumas considerações sobre a análise do romance “Um Amor Anarquista” de Miguel Sanches Neto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar, é possível afirmar que a obra de Sanches Neto configura uma narrativa memorialística que, através da estética do romance histórico, apresenta a Colônia Cecília como um espaço social singular no meio rural.

A característica que confere a singularidade deste espaço é o fato da existência de um ligação profunda entre o espaço da Colônia com o anarquismo, porém, as relações entre os personagens na narrativa não necessariamente se dão pelo viés libertário. Ocorrem disputas de poder entre “facções” no momento em que Rossi está em viagem na Itália e o autor descreve, pelo olhar de Rossi, a dificuldade na adaptação ao modo de vida no campo de alguns colonos e mais ainda, ressalta a dificuldade de aceitação plena do amor livre enquanto princípio que deveria, em teoria, reger, junto aos demais princípios anarquistas, a vida na Colônia.

Mas, devido ao fato de a história ter como personagem principal Giovanni Rossi, muito da narrativa é construída a partir de seu olhar. Logo, podemos perceber que existe certa idealização das relações sociais estabelecidas na Colônia, como o cenário da Colônia após a chegada dos sete jovens.

Quanto à memória presente na obra podemos elencar duas questões principais que, por conseguinte, caracterizam o gênero da obra. A primeira questão é a memória da Colônia Cecília que se faz presente no processo de recriação a partir da memória imaginativa do autor. Ou seja, a narrativa constrói uma Colônia Cecília própria que, devido à aproximação temporal que o autor

COLÔNIA CECÍLIA: a memória de uma Comuna Socialista na obra “Um Amor Anarquista” de Miguel Sanches Neto

faz, a torna palpável ao leitor final da obra no sentido de que o ambienta no contexto histórico e o aproxima das questões cotidianas enfrentadas pelo grupo.

A segunda questão nos leva à reflexão acerca das experiências prévias do leitor em relação à apreensão da narrativa. Isto é, nos deparamos com um duplo esforço memorialístico presente no ato de ambientar o leitor no contexto abordado na obra, o primeiro já destacado anteriormente e o segundo se caracterizando pelo despertar de sensações do leitor em relação a situações dentro da narrativa. Observam-se aqui dois movimentos, o da memória da Colônia e o da memória das experiências vividas pelo leitor.

Logo, podemos inferir que o romance histórico, gênero escolhido pelo autor para abordar a questão da Colônia Cecília, utiliza-se de dois movimentos da memória. Sendo o primeiro referente à memória de um fato histórico em certa medida alheio ao leitor e o segundo sendo de uma memória inerente ao leitor que, por sua vez, cumpre a função de ambientá-lo dentro do contexto histórico da narrativa.

Sendo assim, é possível evidenciar na obra “Um Amor Anarquista” certo cuidado para ambientar o leitor por meio da descrição de cenas do cotidiano interiorano que, por sua vez, podem despertar a memória de experiências anteriores, contribuindo, desta maneira, para a melhor apreensão da narrativa sobre o fato histórico em questão.

REFERÊNCIAS

MUELLER, Helena Isabel. *Flores aos rebeldes que falharam*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

ROSSI, Giovanni. *Colônia Cecília e outras utopias*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 2001.

SANCHES NETO, Miguel. *Um Amor Anarquista*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

COLÔNIA CECÍLIA: a memória de uma Comuna Socialista na obra “Um Amor Anarquista” de Miguel Sanches Neto

- SCHLESENER, Anita Helena. Espessuras do tempo nas sendas da memória: Bergson e Proust na leitura de Benjamin. In: *Os Tempos da História: leituras de Walter Benjamin*. Brasília: Liber Livro, 2011, p. 197-215.
- SEIXAS, Jacy Alves de. Os Tempos da Memória: (des)continuidade e projeção. Uma reflexão (in) atual para a História? In: *Projeto História*, São Paulo, n. 24, p.43-63. jun. 2002.
- SOUZA, Newton Stadler de. *O anarquismo da Colônia Cecília*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- WEINHARDT, Marilene. Considerações sobre o romance histórico. In: *Revista Letras*, Curitiba, Editora UFPR, n.43, p.49-59. 1994.